



BIBLIOTECAS  
DE LISBOA

**ULTRAMAR : ÓRGÃO OFICIAL DA I EXPOSIÇÃO COLONIAL** – Quinzenário publicado entre 1 de fevereiro e 15 de outubro de 1934, num total de 18 números<sup>1</sup>, era, como o próprio subtítulo indicava, o periódico da mostra colonial realizada no Porto, de 15 de junho a 30 de setembro desse ano. Sediado no recinto da exposição — o Palácio de Cristal, renomeado para o certame como “Palácio das Colónias” —, onde funcionavam a redação e a administração, era composto e impresso na Imprensa Portuguesa daquela cidade (Rua Formosa), vendendo-se cada número avulso a 50 centavos<sup>2</sup>, com uma tiragem regular de 10 mil exemplares por número<sup>3</sup>.

Manteve, do início ao fim da publicação, o mesmo figurino gráfico de oito páginas a quatro colunas<sup>4</sup>, amplamente ilustrado, ostentando cabeçalho da autoria de **Augusto do Nascimento (1891-1951)**.

Era dirigido por **Henrique Galvão (1895-1970)**<sup>5</sup> — diretor das Feiras de Amostras Coloniais e diretor técnico desta 1.ª Exposição Colonial — e editado por **Eduardo Lopes**, e o seu corpo redatorial composto por **Hugo Rocha (1906-1993)**, **João Mimoso Moreira (1892-1978)** — diretor adjunto da Exposição e chefe da Divisão da Propaganda da Agência Geral das Colónias — e **Mário de Figueiredo (1890-1969)** — chefe dos serviços de imprensa da Exposição.

Para além dos seus redatores, *Ultramar* recebeu colaboração de **Viriato Gonçalves** (n.º 2), **Conde de Vilas-Boas** (n.º 1, 2, 7, 9 e 10), **José F. Ferreira Martins** (n.º 3), **Júlio Garcês de Lencastre** (n.º 3), **Adriano Rodrigues** (n.º 3 e 11), **Conde da Aurora** (n.º 4), **Mendes Correia** (n.º 4), **José Cervaens y Rodriguez** (n.º 4 e 8), **António Augusto Dias** (n.º 4 e 9), **Júlio Schiappa de Azevedo** (n.º 5 e 10), **Francisco Pereira de Sequeira** (n.º 5), **Luís de Pina** (N.º 6), **A. Magalhães Basto** (n.º 6), **J. Bettencourt Ferreira** (n.º 8 e 13), **Adriano de Sá** (n.º 8 e 10), **Maurício de Oliveira** (n.º 8 e 10), **Moisés Cardoso** (n.º 9), **António Barradas** (n.º 9, 10, 12, 14 e 15), **Ricardo Spratley**

---

<sup>1</sup> Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/ultramar/ultramar.htm>

<sup>2</sup> A assinatura da série de 12 números, com pagamento adiantado, custava seis escudos.

<sup>3</sup> *Ultramar* era «largamente distribuído pelas Colónias, consulados e casas de Portugal estrangeiro, centros de turismo, estabelecimentos de cultura e ensino oficiais e particulares, associações comerciais, agremiações, organismos coloniais, etc». Em Lisboa, vendia-se na Tabacaria Mónaco, tendo por representante na capital o «Sr. João dos Santos, na Avenida Elias Garcia, 77 – 1.º.»

<sup>4</sup> Foi exceção o n.º 10, de 15 junho, coincidente e dedicado à abertura da Exposição, com 16 páginas.

<sup>5</sup> Sobre Henrique Galvão, a sua atividade colonial e o seu papel nesta Exposição, v. Francisco Teixeira da Mota, *Henrique Galvão : um herói português*, Alfragide: Oficina do Livro, 2011, particularmente o capítulo VII, “A Exposição Colonial do Porto”, pp. 65-86.

(n.º 10), **António de Oliveira Cálem** (n.º 10), **Branca de Gonta Colaço** (n.º 10), **Aurora Jardim Aranha** (n.º 10), **Eduardo de Noronha** (n.º 10), **Arcebispo de Ossirinco** (n.º 10), **Marques Guedes** (n.º 10), **Campos Monteiro, Filho** (n.º 10), **Marta de Mesquita da Câmara** (n.º 10), **Conde de Penha Garcia** (n.º 10), **Luiz Teixeira** (n.º 10 e 16), **António Lebre** (n.º 10), **João A. Lopes Galvão** (n.º 10), **Luís de Sá Cardoso** (n.º 10), **Almeida Garrett** (n.º 10), **Manuel Caetano de Oliveira** (n.º 10), **José Maria Álvares** (n.º 10), **António Pereira Cardoso** (n.º 11), **Nunes da Ponte** (n.º 12 e 15), **Machado Saldanha** (n.º 9, 12 e 17), **Tomás Jorge Júnior** (n.º 13), **Berta Leite** (n.º 13, 14, 15 e 16), **Álvaro de Castelões** (n.º 13), **Alberto Figueirinhas** (n.º 14), **Gaspar Baltar** (n.º 15), **Martins de Almeida** (n.º 16) e **Luís Lobo** (n.º 16).

Ainda que intrinsecamente ligado à Exposição de que era órgão periódico, o **Ultramar** não cingiu o seu curso de publicação ao horizonte de realização daquela, antecedendo-a por amplos quatro meses e meio e sobrevivendo-lhe em quinze dias. O esforço de antecipação inicial destinou-se, de forma patente, à divulgação do certame, à promoção turística que a partir dele se poderia projetar, à divulgação de procedimentos preparatórios para a sua realização e, naturalmente, à inculcação propagandística da política colonial do regime.

No seu número inaugural, da total responsabilidade dos redatores e dedicado em exclusivo à apresentação e justificação do evento que veiculava, o **Ultramar** apresentava-se em “editorial” de Henrique Galvão:

«O “Ultramar”

O ULTRAMAR que hoje aparece como o jornal oficial da I Exposição Colonial Portuguesa, lançado em pleno trabalho de montagem dum mecanismo que é complicado e absorvente, não é, nem quer ser, um simples instrumento de publicidade, com os seus lugares comuns e os seus adjetivos antecipadamente arrumados num canto da redação.

O ULTRAMAR pretende ser um jornal colonial, capaz de se elevar acima da função publicitária e nivelar-se com a própria função da Exposição — um jornal dedicado servidor da causa colonial portuguesa na sua expressão nacional e superior.

A Exposição pretende ser um certame didático, em que a propaganda, cingida à expressão de verdades duma realidade colonial, capaz de promover uma opinião e um sentimento exatos acerca do que somos e do que poderemos ser como povo imperial, seja incisiva, clara e atraente. O jornal quer acompanhar, na esfera da sua atividade e da sua influência, a atividade e influência da Exposição.

Portugal — a terceira potência colonial do Mundo — não tem ainda uma imprensa colonial. Aparte uma ou outra revista, que a maior das vezes têm a vida efémera [...], raros e intermitentes periódicos sem condições de vida nem independência de atitudes, a imprensa colonial portuguesa existe apenas na diluição de alguns artigos escassos, que a grande imprensa, sem amor nem interesse visível, alberga nas suas colunas<sup>[6]</sup>.

---

<sup>6</sup> Curiosa apreciação de quem era, desde 1931, diretor da revista *Portugal Colonial*. Sobre este título, v. o texto que lhe dedica Rita Correia em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/fichashistoricas/portugalcolonial.pdf>.

Não é evidentemente o novo jornal que vem suprir esta falta. Não resolve um problema. Ajudará apenas a resolvê-lo nas boas condições que resultam da sua própria qualidade e função. Órgão paralelo a um acontecimento nacional, com objetivos da valorização e consagração dum esforço nacional, tem o seu programa traçado no próprio programa dos empreendimentos superiormente nacionalistas [...].»<sup>7</sup>

Inevitavelmente, era este texto ladeado por colunas laudatórias, encimadas por fotografias do Presidente do Conselho (cujo Acto Colonial plasmava «a expressão correta do colonialismo português») e do Ministro das Colónias («síntese do pensamento político que regula a atual orgânica do Império Colonial Português»). O tom estava dado à publicação e não deixava aquele editorial de ser exato, conquanto modesto, em relação à sua natureza. De facto, **Ultramar** logrou exceder a função óbvia que se lhe poderia adivinhar: foi simultaneamente: a) órgão de propaganda externo à Exposição — divulgando os progressos da sua realização ou promovendo-a em textos em língua estrangeira<sup>8</sup>; b) boletim interno da mesma — publicando concursos para concessões, avisos a expositores, informações de prazos e dados estatísticos; c) veículo de promoção turística, com particular incidência na Galiza<sup>9</sup> — chegando a indicar hotéis, pensões e restaurantes e propondo-se centralizar informação sobre aluguer de quartos<sup>10</sup>; d) um verdadeiro, embora fugaz, jornal de assuntos coloniais, dando à estampa artigos de doutrinação, de divulgação ou mesmo estudos sobre matérias de interesse colonial.

Em termos editoriais, estas múltiplas funções surgiram, pontualmente, em secções como “Todos os valores económicos das Colónias e Metropolitanos prestam o seu concurso ao grandioso certame” (listagens dos expositores comerciais e industriais com *stands* inscritos na Exposição), “Informação da Quinzena” («tudo o que à Exposição diz respeito aqui será noticiado, aqui terá o seu lugar próprio na informação geral»), “Tribuna de Todos – O Que se Diz da Exposição”, “Interesses Coloniais” (breves notícias de interesse ao âmbito colonial) e mesmo “Colaboradores da Exposição” (onde se relevou a contribuição de Amélia Rey Colaço, Manuel Caetano de Oliveira, Machado Saldanha ou Artur E. de Almeida de Eça), embora fosse mais frequente a sua disseminação por artigos não rubricados.

É de realçar, no percurso desta publicação, dois momentos “reativos” que destoaram do seu tom corrente, verificados em simultâneo ao n.º 5, de 1 de abril: o amplo desmentido do «boato mal intencionado» que circulava sobre o adiamento da abertura da exposição (levado a cabo especialmente por **Mimoso Moreira** e secundado por **Henrique Galvão**)<sup>11</sup> e o desagravo face a

---

<sup>7</sup> N.º 1, p. 1.

<sup>8</sup> Em inglês, francês, romeno, castelhano e alemão, v. n.º 1, p. 7, n.º 4, pp. 3 e 4 e n.º 5, p. 3.

<sup>9</sup> V. n.º 4, pp. 1-2, n.º 7, p. 5, e n.º 10, p. 2.

<sup>10</sup> Cf. n.º 4, p. 8.

<sup>11</sup> V. n.º 5, pp. 1-2 e 8, e n.º 6, p. 5. Não sabemos se este «boato mal intencionado» era já o mesmo que circulava dois dias antes da inauguração, implicando Henrique Galvão e um macaco que teria destruído a jaula destinada ao presidente Carmona. Sobre este caso, v. Francisco Teixeira da Mota, “Um crime antes do tempo”, publicado em linha no blogue Malomil (<http://malomil.blogspot.pt/2012/07/um-crime-antes-do-tempo.html>).

críticas à política colonial portuguesa publicadas num periódico francês (por **Hugo Rocha**)<sup>12</sup>.

O n.º 10, de 15 de junho, coincidente com a abertura da Exposição e a ela dedicado, constituiu, como era natural, o momento alto de **Ultramar**: capa de brochura, 16 páginas (o dobro do normal), presença maior de publicidade (que vinha aumentando desde números anteriores), um *design* mais “dinâmico” da primeira página, louvação extremada dos responsáveis políticos e auto-congratulação dos edificadores do evento em textos de nacionais e de estrangeiros, terminando numa “reportagem” fotográfica de vários aspetos do certame – modo ilustrado que se repetirá no número seguinte, desta vez sobre a inauguração do mesmo.

O jornal manterá ainda a sua “vitalidade” por mais dois números, notando-se, a partir do 13.º (de 1 de agosto) uma quebra consubstanciada no espaço crescente concedido às produções literárias de Berta Leite ou à informação estatística da Exposição, até ao seu fim previsto, o n.º 18 de 15 de outubro.

Por Pedro Teixeira Mesquita

Lisboa, Hemeroteca Municipal, 11 de junho de 2014

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CORREIA, Rita — “Portugal Colonial” [Em linha] [Cons. 10 junho 2014] Disponível na WWW: <URL <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/fichashistoricas/portugalcolonial.pdf>.

*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédica, Lda., 1978.

MARRONI, Luísa — “Portugal não é um país pequeno”. A lição de colonialismo na Exposição Colonial do Porto de 1934. in *História. Revista da FLUP*, Porto, IV Série, vol. 3 - 2013, pp. 59-78 [Em linha] [Cons. 10 junho 2014] Disponível na WWW: <URL <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/11709.pdf>.

MOTA, Francisco Teixeira da — *Henrique Galvão : um herói português*, Alfragide: Oficina do Livro, 2011.

MOTA, Francisco Teixeira da — “Um crime antes do tempo” [Em linha] [Cons. 10 junho 2014] Disponível na WWW: <URL <http://malomil.blogspot.pt/2012/07/um-crime-antes-do-tempo.html>.

---

<sup>12</sup> V. n.º 5, pp. 3, 4 e 5, e n.º 6, p. 6.